

UMA MELANCOLIA POLÍTICA NA ERA DO PÓS-COMUNISMO. A EXTINÇÃO DAS PAIXÕES POLÍTICAS EM FRANÇOIS FURET*

*Une melancolie politique a l'ere du post-communisme.
L'extinction des passions politiques chez François Furet*

Christophe Prochasson**

RESUMO

Historiador da Revolução Francesa, François Furet (1927-1997) dedicou-se, a partir da década de 70, a uma nova interpretação deste evento histórico. Ao contrário de uma historiografia dominada por uma abordagem de história econômica e social, a historiografia de Furet sustenta-se em uma leitura política, mobilizando vários escritores do século XIX, a começar por Alexis de Tocqueville. Em seus rastros, ele foi gradualmente levado a conceder às “paixões” políticas seu devido lugar. Voltando-se para a história da ideia comunista, ele dedicou, nas décadas de 1980 e 1990, um papel crescente para a questão das emoções ou dos sentimentos na história política. Depois de tentar identificar em Furet os significados que o historiador atribui a um léxico (“emoções”, “sentimentos”, “paixões”, “ideologia”, “ilusão”) que ele mesmo por vezes emprega com uma certa confusão, o artigo tenta desvendar a implementação de uma análise do político que atribui às “paixões” um papel central, sem todavia recair no psicologismo.

Palavras-chave: paixões; emoções; comunismo; revolução; democracia.

RÉSUMÉ

Historien de la Révolution française, François Furet (1927-1997) s'est engagé, à partir des années 1970, dans une nouvelle interprétation de celle-ci. A l'encontre d'une historiographie dominée par une approche

* Tradução de Guilherme de Almeida Ribeiro.

** EHESS - École des Hautes Etudes en Sciences Sociales / CESPRA - Centre d'Études Sociologiques et Politique Raymond Aron / TEPSIS-Transformation de l'Etat Politisation des Sociétés Institution du Social.

relevant de l'histoire économique et sociale, Furet s'en tient à une lecture politique, mobilisant plusieurs auteurs du XIXe siècle, à commencer par Alexis de Tocqueville. Dans leur sillage, il fut peu à peu conduit à accorder aux « passions » politiques toute leur place. S'étant tourné vers l'histoire de l'idée communiste, il accorda dans les années 1980 et 1990 une place grandissante à la question des émotions ou des sentiments dans l'histoire politique. Après avoir tenté de cerner chez Furet les significations que l'historien assigne à un lexique (« émotions », « sentiments », « passions », « idéologie », « illusion ») qu'il utilise parfois dans une certaine confusion, l'article s'efforce de mettre au jour la mise en œuvre d'une analyse du politique qui attribue aux « passions » une place centrale, sans pour autant verser dans le psychologisme.

Mots-clés: passions; émotions; communisme; révolution; démocratie.

ABSTRACT

Historian of the French Revolution, François Furet (1927-1997) devoted himself, from the 70s, to a new interpretation of this historic event. Contrary to a historiography dominated by an approach with an economic and social history bias, Furet stands by a political reading, involving several writers of the nineteenth century, beginning with Alexis de Tocqueville. In their wake, he was gradually led to grant political “passions” their full place. Having turned to the history of the communist idea, he gave in the 1980s and 1990s a growing attention to the issue of emotions or feelings in political history. After trying to identify the meanings that Furet assigns to a lexicon (“emotions”, “feelings”, “passions”, “ideology”, “illusion”) that he sometimes employs to some confusion, the article attempts to uncover the implementation of an analysis of the political which assigns to “passions” a central role, without falling into psychologism.

Keywords: passions, emotions communism revolution democracy.

Na França, os anos 70 foram ao mesmo tempo a encarnação do auge da era ideológica e a marca do início de um refluxo que, progressivamente, esvaziou a política nacional de boa parte de suas referências doutrinárias. A esquerda foi a primeira a ser atingida por tal movimento, por ser ela quem tradicionalmente mais consumia as teorias e os sistemas de pensamento. Marx e seus epígonos caíram então no esquecimento, vítimas da “era do vazio”, da qual o ensaio de Gilles Lipovetsky, de 1983, propôs uma pri-

meira análise.¹ Naquele ano, a esquerda no poder esqueceu-se até mesmo de celebrar o centenário da morte do filósofo de Tréveris que durante tanto tempo a alimentara.

Nos últimos anos, instalou-se na paisagem intelectual francesa toda uma corrente que lamenta o retorno desta conjuntura.² No seio desta literatura, muitas vezes polêmica e de forte densidade nostálgica, um intelectual francês é particularmente visado: François Furet. O historiador da Revolução francesa, cujos enfrentamentos com seus colegas marxistas desde os anos 60 já haviam atraído sobre si as suspeitas de toda uma parcela da esquerda francesa, tornou-se novamente o alvo de seus velhos adversários e também dos filhos espirituais destes. Nos anos 80, a volta dos grandes debates historiográficos acerca da Revolução francesa, por ocasião da celebração de seu Bicentenário, reativou antigas controvérsias: 1789 contra 1793, natureza burguesa da Revolução, papel do povo, relação entre Revolução francesa e revolução bolchevique, etc.

Observando a normalização da vida política francesa que acabava com qualquer tipo de excepcionalidade³, Furet então reafirmou que a Revolução francesa estava efetivamente “terminada”, tese já apresentada em *Penser la Révolution Française*, obra que causou algum barulho no final dos anos 70.⁴ Outro evento ainda causou novos conflitos: a queda do Muro de Berlim e o consequente colapso político da maioria dos países que reivindicavam o comunismo. Furet foi um dos primeiros historiadores a acompanhar o funeral da grande ideologia que havia inflamado o campo progressista desde o final do século XIX. Os revolucionários encontravam-se privados de um futuro. Calcado na história, Furet se fez o teórico do fim das paixões revolucionárias, sem qualquer nostalgia. Ainda piores aos olhos da esquerda tradicional, o desaparecimento das certezas de outrora e o novo regime no qual pululavam perguntas e dúvidas não lhe eram de todo desagradáveis.

1 LIPOVETSKY, Gille. *L'ère du vide. Essais sur l'individualisme contemporain*. Paris: Gallimard, 1983.

2 Cf. ANDERSON, Perry. *La pensée tiède. Un regard critique sur la culture française*, seguido de *La pensée réchauffée. Réponse de Pierre Nora*. Paris: Seuil, 2005; CUSSET, François. *La décennie. Le grand cauchemar des années 1980*. Paris: La Découverte, 2006; CHRISTOFFERSON, Michael. *Les intellectuels contre la gauche. L'idéologie antitotalitaire en France (1968-1981)*. Marselha: Agone, 2009.

3 FURET, François; JULLIARD, Jacques; ROSANVALLON, Pierre. *La République du Centre. La fin de l'exception française*. Paris: Calmann-Lévy, 1988.

4 FURET, François. *Penser la Révolution française*. Paris: Gallimard, 1978.

Esta nova situação política enquadrhou e afetou o movimento das ideias. A prescrição política das ideias marxistas, assim como a ascensão do liberalismo, convidava a uma revisão geral. As caixas de ferramentas nas quais mergulhavam, pelo menos há três ou quatro décadas, historiadores, sociólogos ou antropólogos, descartaram algumas peças, ao mesmo tempo em que se enriqueceram com novos instrumentos e novas referências. Os esquemas explicativos tradicionais em ação nas ciências humanas e sociais, onde reinara durante longo tempo um cientificismo de aço, foram abalados, não em prol de dogmas alternativos que proporiam explicações-chave, mas antes em favor de um halo de incerteza.

Para um historiador que mostrou as consequências do fracasso do marxismo e de seus derivados mais ou menos confessos, explicar o caminhar das sociedades exigia então ter recurso a abordagens que reconhecem ao acaso ao evento, ao indivíduo e, portanto, ao político, mais do que ao social, às paixões ou às ideias mais do que aos interesses, ao aleatório mais do que ao determinismo. A obra de François Furet, em sua última parte, é um bom sintoma dessa reviravolta angustiante.

Pode-se assim restituir neste último os elementos de uma teoria das paixões políticas que estava enraizada em um século XIX bem distinto daquele de Marx, em cujos escritos ele tinha, entretanto, encontrado sua primeira formação. Em Furet, “paixões” e “sentimentos” muitas vezes se equivalem. As nuances entre os dois termos são imperceptíveis e os mesmos às vezes parecem intercambiáveis. Ele faz do medo e do ressentimento duas paixões políticas maiores, o primeiro dominando o repertório emocional da direita, o segundo aquele da esquerda.⁵ Em *Le passé d'une illusion*, Furet, aqui e ali, fala dos “sentimentos de patriotismo que levaram os soldados ao front em 14 de agosto”⁶, trata da “paixão comunista”, evoca a “paixão do universal”, trata do “sentimento nacional”, bastante próximo da “paixão nacional” e poderoso componente da “paixão democrática”. Na sequência de Tocqueville ou de Rousseau, ele incorpora às fileiras das “paixões democráticas” a inveja ou o ciúme, tanto uma como outro nascidos de sociedades

5 Entrevista de François Furet com Paul Ricœur, transcrição, primavera de 1996, Arquivos François Furet, Centre d'Études Sociologiques et Politiques Raymond Aron (CESPRA), Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Uma versão resumida desta entrevista foi publicada: FURET, François. *Inventaires du communisme*. Paris: Éditions de l'EHESS, 2012.

6 FURET, François. *Le Passé d'une illusion. Essai sur l'idée communiste au XXe siècle*. Paris: Robert Laffont/Calmann-Lévy, 1995. p. 72.

que fizeram da igualdade entre os homens seus próprios fundamentos, mas que se defrontaram com as inevitáveis diferenciações sociais “causadas” pela liberdade de enriquecimento, desigualdades essas, observa o pensador, que se tornaram quase insuportáveis, como um insulto à igualdade. Assim, o estudo dos sentimentos em Furet está inteiramente ligado à história política, assim como à história das paixões, já que há uma ligação entre os sentimentos e as ideias políticas. A paixão se apresenta como uma categoria de sentimento político, sendo o leque dos sentimentos muito mais amplo que o das paixões. O repertório sentimental de Furet é vasto: “sentimento do progresso”, “sentimento religioso”, “sentimento nacional”, “sentimento democrático moderno”, “sentimento de classe”, “sentimento moderno de pertencimento de classe”, etc.

Entretanto, o termo pelo qual Furet opta com maior insistência, pontuando assim o conjunto de sua obra, é de fato “paixão”. Assim, em uma palestra ministrada no colóquio sobre Tocqueville, em junho de 1980, dedicada ao sistema conceitual da “democracia na América”, Furet apresenta a igualdade como uma “paixão”, isto é, como ele mesmo precisa, como um “sentimento” e uma “ideologia”.⁷ A utilização do vocábulo tem duas vantagens.

A primeira é a de bem marcar o processo em Furet da história das mentalidades, sempre mais ou menos suspeita a seus olhos por fazer crer em estados emocionais estáveis. As paixões integram de fato a dimensão social da história à qual Furet, apesar do que seja dito, manteve-se sempre fiel, ainda que ao seu modo. As paixões em Furet são sempre principalmente coletivas.

A segunda serve para dar uma profundidade política ao registro das emoções. As paixões são sentimento e ideologia, assim como a ideologia é por sua vez composta de ideias e paixões. É justamente por causa dessa alquimia que as paixões são a fonte do que Furet chama de “ilusões”. A ilusão é uma questão de paixão, uma vez que ela é definida como um investimento psicológico muito poderoso que mascara definitivamente a realidade dos homens. Evidentemente, ela anda lado a lado com a ideologia, como escreve Furet em *Le Passé d'une illusion*, que está em seu léxico como um sistema de explicação do mundo “através do qual a ação humana tem um

7 Archives François Furet, fundo citado.

caráter providencial, à exclusão de qualquer divindade”.⁸ A ideologia figura, portanto, mais do lado da razão. Mas não exatamente, porque há “paixões ideológicas”: as ideologias podem criar “entusiasmos” tanto nas classes populares quanto entre as classes educadas. Aliás, deste ponto de vista, o nacional-socialismo, “amálgama enfumaçado de autodidata”, supera o leninismo, que “possui um pedigree filosófico”.⁹ Mas ambos se apresentam ao mesmo tempo como ideologia e paixão.

Essa pluralidade de termos que não se sobrepõem, mas às vezes parecem se confundir, por vezes torna incerto o tema da pesquisa de Furet. Tanto que em uma entrevista com Paul Ricoeur, este último, ainda que cheio de boa vontade, lhe faz a seguinte pergunta: “Onde você coloca a si mesmo? E, portanto, qual tipo de história você escreve? Uma história das mentalidades? Uma história das paixões? Uma história das crenças?...”¹⁰ Pergunta talvez embarcada para a qual Furet não apresenta qualquer resposta.

O perímetro das paixões é assim menos extenso do que o dos sentimentos ou das emoções. Sem exatamente fechar a lista, é possível reduzir o número das paixões democráticas, as únicas de que realmente trata Furet, para algumas poucas de igual intensidade. Sem dúvida é necessário fazer a distinção entre as *paixões mães* ou *primeiras* e as *paixões derivadas* ou *secundárias*. A primeira entre todas, e da qual todas as outras derivam, é a paixão igualitária. Dela decorrem a paixão revolucionária, quiçá “a paixão francesa pela revolução permanente”¹¹, a paixão pela política, as “paixões ideológicas” e especialmente a “paixão comunista” e também a “paixão fascista” (ambas habitadas pelo medo de seu adversário, mas compartilhando o mesmo “ódio do burguês”), a “paixão nacional”. Mas também as paixões sociais como o ódio do burguês, a paixão antiaristocrática que o antecipa sob a Revolução, o dinheiro que é, diria Furet, a grande paixão do burguês, a paixão do bem-estar, “constitutiva das sociedades modernas”¹². Para dar conta da queda dos regimes comunistas, na Rússia e nos países da Europa Oriental no final dos anos 80, Furet revela o papel de três grandes paixões

8 FURET, François. *Le Passé d'une illusion. Essai sur l'idée communiste au XXe siècle*, op. cit., p.18.

9 *Ibid.*, p.18-19.

10 Entrevista de François Furet com Paul Ricoeur, *op. cit.*

11 *Bouillon de culture*, programa televisivo de Bernard Pivot, canal France 2, 27 de janeiro de 1995, Inathèque.

12 *L'Humanité-Dimanche*, 7-14 de janeiro de 1996.

políticas e sociais: “A paixão da liberdade não teve no geral um papel dominante no colapso do comunismo. A do bem-estar sim, mas esta não pode ser satisfeita no estado das forças produtivas. Resta a paixão nacional, que muitas vezes foi mantida pelos regimes stalinistas”¹³.

A “paixão nacional” também desempenha na obra de Furet um papel nada negligenciável: ele lhe atribui uma função eminente na indução e, mais importante, na continuidade da Grande Guerra, ao ponto de afirmar que esta última tornou-se um “enigma”. No momento em que afirma, no meio da década de 90, que lhe parece que um jovem do seu tempo é incapaz de compreender o que poderia significar a força do sentimento nacional. Considerar a paixão nacional e a busca pelo bem-estar como centrais nas revoluções anticomunistas da década de 80 é na verdade paradoxal, uma vez que aquela que poderia ser uma das paixões mães, a liberdade, é rebaixada à categoria das paixões secundárias, quando uma paixão julgada inferior nos regimes democráticos e plena na Europa Ocidental, a paixão nacional, de repente passa a ocupar o primeiro lugar. Em outras passagens, Furet reconhecerá até mesmo na busca de bem-estar e na vontade de unir o modo de vida das sociedades de mercado o primeiro dos fatores na mobilização daqueles que derrubaram os regimes comunistas.

De todas as paixões democráticas, a paixão mãe é a paixão igualitária (“paixão mãe da democracia moderna”, escreveu em *Le Passé d'une illusion*¹⁴). Furet a retoma incessantemente, como bom discípulo de Tocqueville. Ele analisa sua atividade mesmo nos períodos mais recentes e de certa forma conclui a obra do autor de *La démocratie en Amérique*, ao testar suas previsões pelo exame da história do século XX. A democracia oferece uma configuração ao mesmo tempo política e social. Ao instalar em sua fundação a ideia de igualdade, a democracia não apenas promoveu uma forma política que visa integrar o maior número de pessoas na gestão da cidade, ela também construiu representações coletivas que estabelecem a equivalência absoluta entre os homens. A Declaração dos Direitos do Homem de 1789 está aí para reforçar seu significado.

A igualdade, como observou Tocqueville, é um poço sem fundo, uma paixão que nunca pode ser apagada porque o seu reino não pode ser

13 FURET, François. “Dialogue sur la signification et la nature du communisme”, *Commentaire*, setembro de 1995, p. 101.

14 FURET, François. *Le Passé d'une illusion. Essai sur l'idée communiste au XXe siècle*, op. cit., p. 25.

deste mundo. O mundo democrático real produz constantemente desigualdades que nunca poderemos eliminar totalmente, não sem correr o risco de pôr em perigo a liberdade. Este esquema, no qual se encaixam as relações complexas entre duas paixões finalmente conflitantes, a da igualdade e a da liberdade, estrutura as análises de Furet, que estabelece como constitutiva da democracia contemporânea a tensão existente entre igualdade civil e desigualdade social.

Inflamada e mantida pela Revolução francesa, a paixão pela igualdade tem sido desde então a alma da democracia, de quem é a primeira paixão. Fundada em uma antropologia que concebe o homem como uma espécie única, ela constituiu o principal combustível da ação democrática, inesgotável, já que o ideal de igualdade nunca é atingido e nem o será. Essa distorção entre a igualdade real, como dizem os marxistas, e a igualdade formal em nada altera o poder e a eficácia desse mito. O fato maior que produz a Revolução é que ela promove a ideia força de que todos os indivíduos são “iguais em direitos” e que ninguém pode tirar proveito de uma superioridade natural ou até mesmo social. A Declaração dos Direitos do Homem fala de “distinções” e apenas “distinções” ao rejeitar evidentemente a desigualdade. A igualdade é, portanto, uma “paixão”, porque ela nunca consegue se realizar de fato no mundo social: “Acredito firmemente que a democracia moderna que promete liberdade e igualdade, que promete a luta, tem algo de utópico.”¹⁵

Em todos os seus trabalhos de historiador, como nas propostas de observador e de intérprete do tempo presente, François Furet nunca deixou de retomar este padrão. Ele não é nada afetuoso com o que considera serem os abusos das “promessas de igualdade” que ele descobre na América intelectual dos anos 70 e 80, particularmente na luta feminista, bem como com as lutas das minorias raciais da década anterior. Até que ponto pode ir esta reformulação infinita da paixão pela igualdade? Quem pode dela ser afastado? Furet trata de questões de igualdade aplicadas a crianças ou até mesmo à “natureza humana”? Esta busca sempre insaciada está assim colocada no coração da dinâmica social e política das sociedades contemporâneas. Constitui também sua grande fragilidade:

15 Colóquio “Recherches sur l'époque communiste. A propos du livre de François Furet « Le passé d'une illusion: essai sur l'idée communiste au XXe siècle »”. Sofia, 12-13 de abril de 1996, retranscrição datilografada dos debates, Arquivos François Furet, fundo citado. Cf. publicação dos anais em *Divinatio*, 5, primavera-verão 1997. “Divinatio. Studia Culturologica Series”, 5, primavera-verão 1997.

Ao longo dos questionamentos em torno da questão central da democracia moderna, somos necessariamente levados a constatar a diferença entre as expectativas que ela suscita e as soluções que ela encontra para realizá-las. Abstratamente, há um ponto do espaço político no qual se encontram a mais completa liberdade e a mais completa igualdade, reunindo assim as condições ideais da autonomia; mas este ponto nossas sociedade nunca o atingem. A sociedade democrática nunca é democrática o suficiente, e seus partidários são para ela críticos mais numerosos e mais perigosos que seus adversários. Suas promessas, na verdade, são ilimitadas, a liberdade e a igualdade, impossíveis de primarem juntas, e talvez até mesmo de serem conciliadas de forma durável, em uma sociedade de indivíduos. Elas expõem todos os regimes políticos democráticos não apenas ao levante demagógico, mas também à acusação constante de serem infiéis aos valores que as fundamentam.¹⁶

Assim, ao contrário das sociedades aristocráticas, nas quais a realidade social é fiel ao programa desigual anunciado, as sociedades democráticas são por natureza dilaceradas. É este mesmo dilaceramento que alimenta o fogo da paixão igualitária que leva às revoluções, constantemente repetidas na França do século XIX, ou em grande parte da Europa. A sociedade burguesa, mundo “duro, triste e solitário”¹⁷, produz sem cessar frustrações, reconhece Furet.

Fazer da igualdade a paixão mãe das paixões democráticas, com as propriedades descritas acima, em particular o não cumprimento de suas promessas, alimenta em Furet uma melancolia que muitas vezes precisou explicar a partir da década de 80, no mesmo momento em que a cultura revolucionária entrava em agonia. A pergunta que frequentemente se faz é saber se Furet, ao criticar as paixões políticas, as condenava, empurrando-as para fora do espaço político, ou se ele se acomodava com o objetivo de regulá-las, tentando dissipar as “ilusões” que carregavam. Tudo leva a crer que a segunda hipótese parece ser a mais correta, ainda que a verve polêmica de Furet pudesse levá-lo a uma linha de comportamento intelectual prestes a romper, de modo provocante, com as culturas políticas que permaneciam cegamente presas a uma paixão igualitária.

16 Palestra proferida em Lisboa (1992?), Arquivos François Furet, fundo citado.

17 *Les guetteurs du siècle*, programa televisivo de Jacques Chancel, canal France Inter, 19 de março de 1995, Inathèque.

Na época do Bicentenário da Revolução Francesa, Furet rendeu-se a um convite da Sociedade Francesa de Filosofia perante a qual ele teve a oportunidade de se explicar sobre o tema:

Não vou me fazer de advogado do mundo no qual vivemos e da maneira como, enquanto cidadãos, vivemos a política. O que eu acredito ser verdade é que Marx acredita poder resolver um problema que não tem solução. Eu acredito que há na democracia moderna algo desesperadamente abstrato com o que devemos viver: o fato de que vivemos em um mundo de igualdade, ainda que sejamos todos nós desiguais, é uma ideia com a qual devemos viver, inclusive eu a acho nobre e bela, mas eu não acho que nós possamos resolver essa tensão, inseparável da democracia moderna, entre a afirmação da igualdade e as condições concretas da desigualdade. Podemos reduzi-la, mas não eliminá-la, a não ser que suprimamos a liberdade.¹⁸

O que é “paixão revolucionária”, “objeto da existência” de François Furet, em suas próprias palavras?¹⁹ Primeiro, ele mostra uma crença na grande força da vontade política. A paixão revolucionária leva os homens a mudar a sociedade de cima a baixo, em um curto período de tempo após um sequestro do aparelho de Estado. Porque os homens querem mudar o mundo, eles o mudam. Mais uma vez, devemos distinguir entre as duas revoluções que principalmente atraíram a atenção de Furet: a Revolução Francesa e a Revolução Bolchevique. Na primeira, a paixão revolucionária nasce da própria história. Ela se descobre gradualmente como um resultado de seu próprio desenvolvimento histórico. É o processo revolucionário em si que desencadeia as paixões revolucionárias, ou, ainda, é a Revolução que fabricou os revolucionários. Às vésperas de 1789, nenhuma das grandes figuras que atuaram nos anos que se seguiram pensava naquele momento em “fazer a Revolução” e menos ainda se definia como “revolucionário”. A febre e o fervor nasceram do próprio choque dos acontecimentos.

18 *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 1989, 83^e année, 3^e séance, p. 321.

19 Sobre *Passé d'une illusion*, ele responde a Bernard Pivot: “livro da minha vida porque a paixão revolucionária é o objeto de minha existência” (*Bouillon de culture*, programa televisivo de Bernard Pivot, canal France 2, 27 de janeiro de 1995, Inathèque). Cf. BOZARSLAN, Hamit; BATAILLON, Gilles; JAFFRELOT, Christophe. *Passions révolutionnaires. Amérique latine, Moyen Orient, Inde*. Paris: Éditions de l’Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, 2011.

É bem diferente da Revolução de Outubro. Lênin e os bolcheviques sabiam que iriam fazer a Revolução e que não havia outra maneira de mudar a sociedade. A Revolução, com sua dose de paixão e de violências necessárias, é a única forma realista de garantir o cumprimento das promessas contidas na mensagem revolucionária elaborada no final do século XVIII. Nos bolcheviques a paixão revolucionária é inata, ela já está lá quando o acontecimento surge. Segundo Furet, porém, foi de fato a Revolução Francesa que inventou a paixão revolucionária e fez desta uma das forças motrizes das dinâmicas políticas do século XIX e do século seguinte. As culturas políticas foram desde então governadas por esta paixão estruturante do campo político, algumas se servindo dela para abater sociedades e regimes repugnados, outras a combatendo ao denunciar as ruínas e tiranias que ela sempre acaba até certo ponto por provocar.

Uma *Nota* da Fundação Saint-Simon, que nada mais é que a pré-publicação do primeiro capítulo do *Passé d'une illusion*, intitula-se *La passion révolutionnaire au XXe siècle. Essai sur le déclin du communisme*. É neste contexto historiográfico que a “paixão revolucionária” assume em Furet uma dimensão explicativa equivalente a uma crença. Ele detalha os contornos dessa dimensão em um trecho um tanto quanto longo que será aqui citado. Deste trecho lê-se uma definição clara do que Furet entende por “paixão revolucionária” e como ele explica sua eficácia histórica:

A paixão revolucionária quer que tudo seja político: ela entende ao mesmo tempo que tudo está na história, a começar pelo homem, e que tudo pode ser conquistado com uma sociedade boa, desde que a mesma seja fundada nessa paixão. No entanto, a sociedade moderna é caracterizada por um déficit do político em relação à existência individual privada. Ela ignora a ideia do bem comum, uma vez que todos os homens que a compõem, imersos no relativo, têm cada um a sua própria; ela não pode pensá-la a não ser pelo gosto do bem-estar, que divide os associados, que não os une e destrói assim a comunidade que se pretendia criar em seu nome. A ideia revolucionária é a impossível conjuração deste infortúnio. É a grandeza única de a Revolução Francesa ter ilustrado, junto com o nascimento da democracia na Europa, as tensões e as paixões contraditórias relacionadas com esta condição inédita do homem social. O acontecimento foi tão poderoso e rico que a política europeia

dele viveu por quase um século. Mas a imaginação das pessoas perdurou muito mais: o que a Revolução Francesa inventou é menos uma nova sociedade, baseada em igualdade civil e governo representativo, do que um modo privilegiado de mudança, uma ideia da vontade humana, uma concepção messiânica da política. Então, o que faz o encanto da ideia revolucionária após a guerra de 1914 deve ser separado daquilo que possam ter feito, em termos de mudança histórica, os franceses do final do século XVIII.²⁰

Deve notar-se no presente texto a proximidade entre “paixão revolucionária” e “ideia revolucionária”, assemelhando-se a primeira a uma espécie de caixa preta na qual a segunda bebe para tocar ao mesmo tempo o coração e a razão. Furet emprega, muitas vezes indiferentemente, os termos “paixão comunista” e “ideia comunista” (ao qual talvez possamos adicionar “ideologia”). Interrompendo o desenvolvimento que ele consagra nas primeiras páginas do *Passé d'une illusion* ao estudo da paixão antiburguesa, Furet disse: “Eu estava menos interessado em analisar os conceitos que em fazer reviver uma sensibilidade e opiniões”²¹, o que complica ainda mais a tarefa, já que tanto “sensibilidade” quanto “opiniões” têm significados às vezes inapreensíveis, até bastante nebulosos. As ciências sociais contemporâneas nos desviaram dessas formulações e até mesmo dessas problemáticas que parecem um pouco ultrapassadas (como visto, elas não dizem respeito nem à história das mentalidades, que Furet pouco considera, nem à psicologia social, que ele não frequenta). Não é sem um toque de provocação que Furet as manipula, convencido que as ciências sociais em nada dissipam os enigmas que estão no centro de todas as revoluções.

A principal versão da paixão revolucionária no século XX é a “paixão comunista”. Qual é a propriedade deste “licor”²² particularmente forte, que foi capaz de gerar tanta embriaguez até mesmo nos cérebros mais racionalizados do tempo? O “enigma” da ideia comunista é que ela foi ca-

20 FURET, François. *La passion révolutionnaire au XXe siècle. Essai sur le déclin du communisme*, Note de la Fondation Saint-Simon, retomado em FURET, François. *La Révolution française*. Paris: Gallimard, « Quarto », 2007, p. 969-970.

21 FURET, François. *Le Passé d'une illusion. Essai sur l'idée communiste au XXe siècle*, *op. cit.*, p. 26.

22 *Bouillon de culture*, programa televisivo de Bernard Pivot, canal France 2, 27 de janeiro de 1995, Inathèque.

paz de cativar as mentes mais críticas – o que mais tarde fora chamado de caso Dreyfus, os “intelectuais” que apesar de tudo nela conquistaram sua independência – apesar de todos os desmentidos que traziam a revelação ininterrupta das tragédias? De que fibra é feita esta paixão? Furet explica sua força pela combinação paradoxal de dois elementos: a paixão comunista combina o triunfo da vontade com a submissão às leis da história. É nessa hibridização que está, segundo ele, o poder apaixonado da ideia comunista.

A paixão revolucionária, e não apenas a comunista, também usou bastante uma paixão democrática secundária: o ódio do burguês. Este é um dos elementos mais retumbantes da análise de Furet e que foi muito comentado. O historiador observa na cultura e na política europeias o desenvolvimento da “paixão antiburguesa” – este é o termo que ele emprega – desde o início do século XIX, até mesmo nos últimos anos do século XVIII, em especial fazendo referência aos escritos de Jean-Jacques Rousseau: “o ódio do burguês, escreve Furet, é tão antigo quanto o próprio burguês”²³. Esta paixão é a filha de paixão igualitária. O burguês só se define por suas propriedades econômicas. Ora, como lembra Furet à exaustão, as sociedades democráticas que fizeram da igualdade seu principal pilar colidem com a contradição que lhes opõe a desigualdade social. A sociedade burguesa vive da concorrência entre seus membros. A paixão igualitária se transforma desde cedo em paixão antiburguesa. O homem burguês é dividido dentro de si mesmo, uma vez que uma de suas metades está sujeita às críticas por parte da outra, uma acusa a outra de ser infiel aos seus valores. O ódio do burguês em nada significa o ódio do outro, diz Furet, mas o “ódio de si mesmo”²⁴: “No coração da paixão antiburguesa também se encontra o remorso enrustido do burguês, ou a sua consciência má”²⁵. E o historiador detalha ainda mais a psicologia burguesa:

O burguês está condenado a viver neste sistema aberto, que põe em movimento paixões contraditórias e poderosas. Ele está preso entre o egoísmo calculista, do qual se enriquece, e a compaixão, que o identifica com a raça humana, ou pelo menos com seus concidadãos. Entre o desejo de ser igual, de

23 FURET, François. *Le Passé d'une illusion. Essai sur l'idée communiste au XXe siècle*, op. cit., p. 24.

24 Ibid., p. 29.

25 Ibid., p. 30.

modo semelhante a todos, e a obsessão com a diferença que o faz buscar a menor distinção. Entre a fraternidade, horizonte de uma história da humanidade, e a inveja, que forma sua mola psicológica vital.²⁶

François Furet aqui não parece estar longe de esboçar algo como uma psicologia social capaz de explicar a força da paixão antiburguesa nos dois séculos contemporâneos, psicologia social que atribui à burguesia “paixões”, “sentimentos” ou “emoções” próprios, dos quais uma das forças mais estruturantes é o medo ou até mesmo o terror. Ambos caminham tanto nas obras como nos discursos públicos, da extrema esquerda à extrema direita, e de cima a baixo. Este traço, adverte Furet, é especificamente francês. A Revolução Americana, ainda que parente da Revolução Francesa em sua paixão igualitária, não teve pelo burguês este ódio obsessivo, provavelmente porque os americanos prontamente se constituiram em “povo burguês”. Na Europa, na França em particular, a paixão antiburguesa não cessou de ser o escoadouro de “todos os infelizes da modernidade”²⁷ e o tema das maiores obras do século XIX. Em Balzac, o burguês é um “arrivista”, um “malandro” em Stendhal, um “filisteu” em Marx. É sempre um miserável:

Longe de encarnar o universal, ele tem apenas uma obsessão, seus interesses, e um único símbolo, o dinheiro. É através do dinheiro que ele mais é odiado; é o dinheiro que traz contra ele os preconceitos dos aristocratas, a inveja dos pobres e o desprezo dos intelectuais [...] mesquinho, feio, mão de vaca, tacanho, caseiro, enquanto que o artista é grande, belo, generoso, genial, boêmio.²⁸

Estes traços da psicologia social, feita a partir da observação das atitudes políticas e da leitura de grandes obras de literatura, política e filosofia, têm uma importante consequência na história política da Europa contemporânea. As burguesias pariram indivíduos que “odeiam o ar que respiram”²⁹ e voltam-se contra si mesmos, apoiando os regimes que buscam

26 *Ibid.*, p. 30.

27 *Ibid.*, p. 25.

28 *Ibid.*, p. 28.

29 *Ibid.*, p. 31.

sua própria destruição. Toda a história do século XX, mais ainda que a do século XIX, durante o qual a aristocracia possui belas ruínas, é a ilustração disso e o tema do último grande livro de François Furet.

Quando Furet entrega sua análise histórica das paixões políticas, estas lhe parecem em vias de extinção. Se as paixões igualitárias não deixaram de animar a alma da democracia, a paixão revolucionária, no entanto, parece sem fôlego. Na década de 1890, esse diagnóstico é compartilhado até mesmo no seio da esquerda mais avançada. Nunca a fórmula de uma “entrada no porto” da Revolução lhe pareceu tão atual. Da agonia da paixão revolucionária, ele agora oferece vários momentos³⁰. A mais convincente historicamente é sem dúvida a da reconciliação republicana de 1880, que parece expulsar a revolução da ordem normal da política. A Grande Guerra se encarregou de reanimá-la, estendendo-a até mesmo a uma direita que também se tornou “revolucionária”, ao contrário da direita antirrevolucionária do século anterior, temendo a revolução na contrarrevolução, e em nada compartilhando a “paixão revolucionária”, até mesmo limitando sua paixão antiburguesa a uma postura moral ou estética. Extinta ou quase dormente às vésperas da Grande Guerra – a Revolução figura então na ordem do mito político, em algumas ocasiões mobilizada em fórmulas pelos socialistas europeus, mas muitas vezes sob a influência de convicções fracas –, a paixão revolucionária se reanima como o “encanto universal de outubro”. Passa então por seu período *flamboyant*, como o estilo de mesmo nome, ao mesmo tempo tão esplêndida e sujeita ao declínio. A “queda do muro”, trazendo em seus escombros o desaparecimento da ideia comunista, marca uma nova morte da ideia revolucionária e das paixões que vinham em seu rastro.

Morte ou sono? A questão nunca deixou de assombrar Furet e de alimentar sua melancolia em seus últimos anos de vida. A eliminação das paixões políticas é concebível? A democracia é viável sem as paixões que lhe deram origem, a começar pela primeira delas, a paixão pela igualdade? Para Furet, de forma alguma. Para ele, a política é sempre feita de uma combinação de três elementos básicos: os interesses, as ideias e as paixões. Ele argumentou em várias ocasiões que o fim da ilusão comunista não poderia significar o desaparecimento de todo o espírito utópico precisamente porque a democracia tinha como natureza nunca parar de produzir sua própria

30 Durante um programa de televisão, ele propõe quatro datas: 1799, 1814, 1880 e anos 1980. *Apostrophes*, 643, programa televisivo de Bernard Pivot (canal Antenne 2), Inathèque.

crítica em nome de seus próprios ideais. Os homens não podem renunciar à ideia de uma outra sociedade, ainda que, no contexto mundial na década de 90, nada anunciasse uma outra sociedade à maneira da escatologia que animava, no século XIX, socialistas, anarquistas e comunistas. Todos detinham a força da esperança: “Estamos todos um pouco deprimidos pelo prosaísmo de nossa vida política, mas seria triste demais pensar que os homens só podem se apaixonar por utopias sangrentas”³¹.

Mesmo antes da publicação do *Passé d'une illusion*, um livro que se encerra em tais questões, François Furet multiplicava sobre este tema artigos e palestras que exibem o auge de sua melancolia. Tudo se passa como se o antigo comunista não se conformasse com o desaparecimento de um sistema de crença que ele ao mesmo tempo compartilhou e combateu. O fim da ideia comunista sob suas vestes soviéticas encerrava definitivamente uma era, mas de forma alguma colocava um fim no caminhar da ideia democrática, que necessariamente geraria novas esperanças. De que espécies? Em quais capítulos? Ninguém poderia saber. Certamente, as velhas ideias sobre as quais estava fundada a esquerda desde a Revolução Francesa, ainda mais depois da Revolução de Outubro, não tinham mais futuro. Nem por isso a esperança de uma sociedade pós-capitalista desapareceu:

“Estou confiante de que as sociedades em que vivemos são inseparáveis de uma visão, um apelo a uma outra sociedade”, diz ele a uma audiência durante o colóquio em Sofia, recém-saído da experiência comunista. Perante o mesmo auditório, no entanto, é a incerteza do futuro que ele enfatiza:

Para mim, um dos aspectos positivos da queda do comunismo é que um período tão longo recebeu o golpe de misericórdia, essa ideia absurda que prevaleceu por tanto tempo recebeu verdadeiramente um golpe mortal. Isso posto, tal fato complica o mundo no qual vivemos, tornando-o mais difícil, porque o futuro voltou a ser uma espécie de túnel negro; nós avançamos, nós fazemos algo, mas as consequências de nossos atos são incertas, a maioria delas não foi prevista, razão pela qual cada um deve ser modesto, cultivar em si mesmo essa virtude ao manipular ideias e ao acreditar ter compreendido algo. Em poucas palavras, essa é a minha sabedoria.³²

31 *Les guetteurs du siècle*, emissão citada.

32 Colóquio “Recherches sur l'époque communiste. A propos du livre de François Furet « Le passé d'une illusion: essai sur l'idée communiste au XXe siècle »”, conferência citada.

Furet desenvolve novamente este tema que o habita até a obsessão, calcado nas mesmas palavras e fórmulas, em uma de suas últimas palestras realizadas em Lisboa, em maio de 1997, que podemos citar com maior extensão:

O comunismo nunca concebeu outro tribunal que não a história, e de repente ele se viu condenado pela história a desaparecer de corpo e alma. O fracasso é, portanto, final, sem recursos. Mas disso devemos concluir que a utopia deve ser categoricamente extirpada da cena pública em nossas sociedades? Talvez seja caminhar rápido demais, porque isso também significaria quebrar um dos propulsores essenciais do civismo. Porque se a ordem social não pode ser outra que não o que ela é, para que se dar ao trabalho? O fim da ideia comunista fechou na frente de nossos olhos a melhor via para a imaginação do homem moderno em matéria de felicidade coletiva. Mas ao mesmo tempo agravou o déficit político que é, desde a origem, um dos traços do liberalismo moderno. [...] A história tornou-se novamente aquele túnel onde o homem entra no escuro, sem saber aonde conduzirão suas ações, incerto de seu destino, privado da segurança ilusória do que ele faz. Na maioria das vezes privado de Deus, o indivíduo democrático vê tremer em suas bases, no final do século, a divindade história: angústia que será necessário afastar. No entanto, ele se encontra perante um futuro fechado, incapaz de definir ainda que vagamente o horizonte de uma *outra sociedade* que não aquela em que vivemos, pois este horizonte tornou-se quase impossível de ser pensado. Basta olhar para a crise na qual mergulhou a linguagem política nas democracias de hoje para entender. A direita e a esquerda ainda existem, mas privadas de suas referências, e quase que de sua substância: a esquerda não sabe mais o que é o socialismo, e a direita, privada de seu melhor argumento, o anticomunismo, também procura o que a distingue; o cenário político na França e na Itália oferece bons exemplos disso. Será que tal situação vai durar? O fim do comunismo privará por muito tempo a política democrática de um horizonte revolucionário? É sobre esta questão que eu os deixarei³³.

33 FURET, François. “Démocratie et utopie”, palestra proferida em Lisboa em 28 de maio de 1997, Arquivos François Furet, fundo citado. Grifos no original.

Aí está então o europeu do final do século XX privado de futuro, quando há pelos menos dois séculos, talvez mais, ele não cessava de tecer o fio de um futuro organizado de acordo com a esperança de uma humanidade reconciliada. Mas também é verdade que o desejo de “sociedade justa” inerente às paixões democráticas “sobreviverá à morte do comunismo”³⁴. Furet não está inscrito, portanto, em uma perspectiva hegeliana ou kojèviana³⁵ de fim da história, tampouco decidiu trilhar os passos do filósofo e economista Francis Fukuyama, seu colega na Universidade de Chicago, cujo livro, publicado em 1992, *La fin de l'Histoire*³⁶, teve retumbante sucesso mundial. Já no verão de 1989, a revista *The National Interest* publicou um artigo contundente de Fukuyama. *Commentaire* o traduziu no outono seguinte. Instado a comentar as teses neo-hegelianas de Fukuyama, Furet precisou seu alcance:

O que termina é a “História” com um H maiúsculo como o marxismo a desenvolveu no século XIX, e sua variante marxista-leninista no século XX: ou seja, a ideia de que o capitalismo está condenado pelo seu próprio funcionamento a desaparecer e dar origem a um novo tipo de organização social baseada na abolição da propriedade privada. Durante um século e meio, a esquerda europeia, mesmo quando ela não era comunista, viveu da ideia “científica” de que o socialismo iria suceder ao capitalismo, assim como a ditadura do proletariado sucederia à democracia pluralista.³⁷

É desta configuração ideológica que se deve enlutar, e não da História com seu H maiúsculo:

Hoje, eu não vejo em lugar algum partidos que lutem em nome de horizonte pós-burguês. Eu não vejo nenhuma razão para chamar isso de fim da história, porque ninguém é obrigado a

34 FURET, François. “Dialogue sur la signification et la nature du communisme”, *op. cit.*, p. 102.

35 Referente a Alexandre Kojève [nota do tradutor].

36 FUKUYAMA, Francis. *La fin de l'histoire et le dernier homme*. Paris: Flammarion, 1992. Fukuyama publicara um primeiro artigo reverberante, “The End of History?”, na revista *The National Interest*, em 1989.

37 “The Tyranny of Revolutionary Memory”. *Fictions of the Revolution*, provas corrigidas, entrevista, Arquivos Furet, fundo citado.

ser hegeliano ou kojèviano. Ainda haverá uma história após a nossa – ainda que a nossa, isto é, aquela que começou há dois ou três séculos na Europa, pareça-nos hoje como “fechada”. Mas essa história por vir é imprevisível. Já é um progresso ter renunciado a prevé-la, para nos dedicar à explicá-la.³⁸

Em entrevista realizada logo após a morte de Furet, Paul Ricoeur menciona cartas recebidas dele nas quais o historiador se preocupava com o futuro das paixões revolucionárias. Qual escapatória seriam capazes de encontrar? A democracia lhe parecia ter se tornado demasiadamente procedimental e insuficientemente encantada. Com Ricoeur, ele estimava que o exercício das liberdades públicas longe das paixões poderia levar à asfixia da democracia. Ao mesmo tempo, como já mencionado, Furet observava no solo americano, que ele regularmente pisava com interesse, bem como com irritação ou ironia, o crescimento das reivindicações igualitárias em novos campos: as mulheres e as minorias sexuais antes de qualquer coisa. O feminismo americano dos anos 1980 e 1990 é objeto de uma crítica afiada por parte de Furet, assim como a ideologia, impulsionada por uma concepção radical da igualdade, do “politicamente correto”, movimento que, ao mesmo tempo em que lhe aparecia sob a forma de “expressões concomitantemente significativas e ridículas”, não deixava de constituir, segundo ele, “o movimento social mais importante do último quarto de século”³⁹. O que Furet lamenta é que o feminismo americano e seus derivados ideológicos fizeram do direito uma “ideologia”, infiltrando-se sem discernimento em todas as áreas da existência social e íntima. Assim, quase se poderia dizer que o direito tornou-se por sua vez uma paixão cega numa época em que as paixões ideológicas estavam prestes a se dissolver completamente.

Como reanimar uma democracia tornada monótona e cuja anemia ameaçava a própria existência? Como envolver de novo no debate público uma juventude desencantada que perdeu a fé na participação política? Estas são algumas das perguntas que assombram Furet após o colapso das grandes paixões políticas. “Reinjetar um pouco de interesse no debate público”, no entanto, não pode ser feito a qualquer preço:

38 Documento não identificado e não datado (provavelmente uma entrevista para um jornal estrangeiro), Arquivos François Furet, fundo citado.

39 FURET, François. “L’Amérique de Clinton II”, *Le Débat*, n. 94, março-abril de 1997, retomado em FURET, François. *Penser le XXe siècle*. Paris: Robert Laffont, «Bouquins», 2007. p. 477-478.

Se é para reviver as antigas paixões revolucionárias ou as religiões da história, os intelectuais franceses já contribuíram, contribuiram muito, e mesmo quando eles se recusam a examinar sua consciência, eles estão de guarda alta. Se é para fornecer para a admiração dos militantes exemplos extraídos do teatro nacional, como a República jacobina ou os pais fundadores da Terceira, essa proposta de retorno às sociedades, aos sentimentos e às virtudes tão diferentes dos nossos só pode aparecer como uma situação de bricolagem circunstancial, sem noção da realidade e também sem veracidade histórica. A verdade é que, privados de utopia e por demais desenraizados do passado para nele encontrar modelos, estamos condenados a viver no mundo em que vivemos⁴⁰.

“O mistério, que eu talvez tenha melhor descrito do que explicado, é aquele das paixões políticas do homem democrático”, diz François Furet em sua entrevista com Paul Ricoeur⁴¹. Sem dúvida. Por mais presentes que fossem em sua obra – e parece que elas o foram cada vez mais –, as paixões ainda são caixas pretas. Elas permanecem nesse estado de enigmas que Furet se esforça para dissipar. Vimos a que ponto a distinção entre paixões, sentimentos, ideias, ideologias e emoções não foi completada em suas análises. Seu mérito está em outro lugar: consiste na reintrodução, ainda que incompleta, de um nível de descrição do mundo social que as ciências sociais do pós-guerra haviam muitas vezes marginalizado.

Recebido em outubro de 2013.
Aprovado em novembro de 2013.

40 “Un entretien avec François Furet” (uma entrevista com François Furet), por Jean-Marie Colombani e Pierre Lepape, *Le Monde*, 19 de maio de 1992.

41 Entrevista de François Furet com Paul Ricœur, *op. cit.*